

# O *forum romanum* e a formação social do *vir bonus*: o caso de Caio Otávio (I a.C.)

*The Forum Romanum and the social education of the 'vir bonus': the case of Gaius Octavius (I BC)*

Carlos Eduardo da Costa Campos\*

**Resumo:** O estudo do *forum* apresenta múltiplas leituras no que tange aos seus significados para os romanos. Afinal, determinados *lugares* podem ser utilizados ao longo da história para justificar processos de legitimação do poder, de construção de identidades, assim como de segregação ou de integração entre sujeitos no interior de um segmento ou em um ambiente externo a ele. A perspectiva aqui apresentada consiste em analisar o *forum* como um *lugar antropológico* no processo de construção do jovem aristocrata (masculino) em Roma, como Caio Otávio, para que esse sujeito pudesse tornar-se o *vir bonus* (bom cidadão) por excelência.

**Abstract:** Studies about the *forum* feature multiple readings in regard to their meanings for the Romans. After all, certain *places* may be used throughout history to justify processes of power legitimation, identity construction, as well as segregation or integration between subjects within a segment or in an external environment. The perspective presented here consists in examine the *forum* as an *anthropological place* in the educative process of the male young aristocrat in Rome, as *Gaius Octavius*, so that this subject could become the *vir bonus* (good citizen) par excellence.

**Palavras-chave:**

Fórum;  
*Vir bonus*;  
Caio Otávio.

**Keywords:**

Forum;  
*Vir bonus*;  
Gaius Octavius.

---

Recebido em: 24/08/2014  
Aprovado em: 26/09/2014

---

\* Doutorando pelo Programa de Pós Graduação em História da UERJ sob orientação da Profa. Dra. Maria Regina Candido. Pesquisador do NEA/UERJ, do ATRIVM/UFRJ, do Grupo de Estudos em Arqueologia Histórica da Unicamp e do Lectorado Antigo-UPE. Diretor do Projeto Editorial *Alumni*. Bolsista da CAPES.

O estudo do *forum* apresenta múltiplas leituras no que tange aos seus significados para os romanos. Afinal, determinados *lugares* podem ser utilizados ao longo da história para justificar processos de legitimação do poder, de construção de identidades, assim como de segregação ou de integração entre sujeitos no interior de um segmento ou em um ambiente externo a ele. Ao transpormos tais reflexões para Roma, de imediato nos surgem duas questões centrais: O que é o *forum*? Quais suas funcionalidades para a aristocracia no período republicano? A perspectiva aqui apresentada consiste em analisar o *forum* como um *lugar antropológico* no processo de construção do jovem aristocrata (masculino) em Roma, para que esse sujeito pudesse tornar-se o *vir bonus* (bom cidadão) por excelência. Para materializarmos nossas abordagens, realizaremos um estudo de caso através do ritual do *tirocinium fori*, associando-o à figura de Caio Otávio, mediante o discurso da documentação clássica.

Segundo Albert J. Ammerman (2013, p. 178), a datação mais recuada sobre a formulação do *forum* foi atribuída ao período monárquico, no século VII a.C. (625 a.C.). O referido arqueólogo frisa que as escavações mais recentes demonstraram que a topografia do *forum* formava uma bacia, com solo natural em seu centro e a uma altura de 7 metros acima do nível do mar. Ademais, é perceptível que o *forum* ficava situado no vale entre os montes Capitolino, Palatino e Velia, sendo um espaço aberto, com extensão definida pelos edifícios civis e religiosos em suas fronteiras. Para o historiador Pierre Grimal (2003, p. 51-2), Roma nasceu em torno do seu *forum* e o mesmo era uma singularidade que integrava a cultura romana. R. J. A. Wilson (1995, p. 771-2), no artigo *Roman Art and Architecture*, converge com Grimal ao indicar que a estrutura e o estilo do *forum* eram uma peculiaridade romana que destoava de outras construções mediterrâneas, como a *ágora* helênica. Como um lugar geométrico,<sup>1</sup> ele é definido por traços espaciais simples que definem formas elementares do espaço social. Desse modo, originalmente o *forum* era considerado uma praça de mercado, em formato oblongo, segundo Wilson. Todavia, o autor clássico do século I d.C., Marco Vitrúvio Polião,<sup>2</sup> menciona que a disposição do *forum romanum* tornou-se útil para a realização de diversas atividades, como os espetáculos e os jogos de gladiadores. Com o passar do tempo, o *forum* assumiu a característica de uma *interseção cultural*, ou seja, um ponto

<sup>1</sup> Conceção extraída de Marc Augé (2007, p. 55).

<sup>2</sup> Ver Vitruvius, *Tratado da Arquitetura*, V, 1.2.

geográfico e social de cruzamento de ruas e pessoas, assim circulando práticas políticas e culturais.

Em virtude do exposto, indicamos que o *forum* passou, ao longo da República, a ser um grande centro da *Vrbs*, tanto espacial quanto politicamente, devido ao peso das instituições romanas que foram alocando-se à sua volta (TAYLOR, 1997, p. 12). Concordando com Diana Favro (1988, p. 17), salientamos que a noção de *forum* passou a refletir, a partir do século V a.C., as necessidades políticas dos aristocratas romanos. Vale ressaltar que, ao empregarmos a terminologia aristocracia,<sup>3</sup> consideramos a mesma como a mais adequada para compreendermos as diferentes junções políticas e sociais que houve, ao longo da República, entre os interesses e os valores dos patrícios, a posterior *nobilitas* e os grupos equestres. Tal *status* era conferido mediante critérios como riqueza, educação, funções religiosas, atribuições militares e na magistratura, além do nascimento, entre outros aspectos.

Era no *forum* que podíamos ver expresso o conjunto de regras e hierarquias sociais romanas, que eram elaboradas pela aristocracia frente aos segmentos plebeus e provinciais. Nesse espaço, as atividades jurídicas, políticas e religiosas eram organizadas e executadas em *prol* dos interesses aristocráticos. Por exemplo, muitos edifícios foram construídos em torno do *forum* na terceira década da República (isto é, por volta de 480 a.C.), como a Regia, o Templo de Vesta e o Templo de Castor e Pólux no lado leste, e o original Senado (*Cúria Hostilia*), o *Comitium* e o Templo de Saturno, na lateral oeste.<sup>4</sup> Assim, podemos averiguar a apropriação do *forum* para a realização de festivais e rituais religiosos aos deuses, os quais ratificavam o *status quo* dos grupos dirigentes. Logo, evocamos as concepções de Elisha Ann Dumser (2013, p.131-50) e Diane Favro (1988, p. 17-24) ao evidenciarmos que havia uma nítida associação entre os valores político-sociais da aristocracia e as configurações espaciais do *forum* romano. Vale ressaltar que o *forum* teve sua forma *geométrica* difundida e readaptada para outras regiões mediterrâneas no decorrer do processo de expansão iniciado no século III a.C.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Para maiores informações vide o estudo de Koenraad Verboven (2007), intitulado *The associative order: status and ethos among Roman businessmen in Late Republic and Early Empire*.

<sup>4</sup> Ver plano-1, no final do artigo sobre o *forum*, no século II a.C.

<sup>5</sup> Saiba mais sobre o tema em *A estrutura de atitudes e referências do imperialismo romano em Sagunto (II a.C – I d.C.)*, de Carlos Eduardo da Costa Campos (2014).

Ao relacionarmos as assertivas apresentadas com os pressupostos teóricos de Marc Augé,<sup>6</sup> percebemos o espaço do *forum romanum* como um Lugar Antropológico. Dessa forma, analisamos o *forum* como uma construção concreta e simbólica do espaço, que é respectivamente o princípio de sentido para aqueles que o habitam, assim como o referencial de inteligibilidade para quem o observa. Como Lugar Relacional, o *forum romanum* é o grande centro de interação entre os cidadãos romanos e não romanos, sendo o *locus* do exercício do poder. Katharine Welch (2006, p. 499) endossa nossos argumentos ao destacar que era no *forum* que a aristocracia demonstrava seu prestígio político, através das construções empreendidas pelos aristocratas. O processo de edificação do espaço deve ser analisado como portador de um discurso,<sup>7</sup> o qual informa e produz uma continuidade daquela cultura para as gerações futuras. Dessa forma, tais monumentos presentes no *forum* não eram meramente decorativos ou inocentes, pois detinham uma intencionalidade política e social dos aristocratas em sua elaboração. O processo de edificação do espaço poderia endossar a identidade de grupo, assim como reforçar a reputação de seu financiador – que, por sua vez, obtinha aclamação pública e votos –, além de assegurar acesso aos cargos de maior proeminência (como o consulado) ou à aprovação para o comando dos empreendimentos militares.

No começo do século III a.C., o *forum* ainda estava rodeado por casas (*domus*) que integravam o átrio da aristocracia, cujas fachadas eram decoradas com despojos de guerra: armas e armaduras acumuladas pelos membros da família ao longo de séculos. Tal medida não se tratava de um mero adereço para as casas, mas pode ser vista como uma expressão de poder e prestígio social, assim como vinculava as famílias a uma ancestralidade com os grupos políticos dirigentes que permearam a história de Roma. É interessante ressaltar que o átrio de tais *domus* costumava estar aberto para o recebimento dos *clientes*. Isso ilustra o *forum* como lugar relacional, no qual se imbricavam o público e o privado devido às apropriações que a aristocracia desenvolvia à sua volta, junto aos demais grupos plebeus e equestres. Esta atividade marcava a

---

<sup>6</sup> Os Lugares Antropológicos podem ser identitários, relacionais e históricos (AUGÉ, 2007, p. 51-3).

<sup>7</sup> O discurso pode ser definido como uma mensagem formulada por meio de uma linguagem (textos, diálogos, rituais, pinturas e monumentos, por exemplo), que é dotada de intencionalidade e intrinsecamente relacionada a um sujeito ou grupo social. Um discurso está atrelado a diversos interesses pessoais, de tal maneira que a ação discursiva não deve ser pensada de forma simplista, devido à mensagem contida em seu conteúdo (GREIMAS, 1979, p. 125-30).

diferença entre o *forum* e a *ágora* ateniense. Afinal, a *ágora* tendia a ficar cercada por *templos* e pela *stoa*, não por casas. Katherine Welch (2006, p. 501) ressalta que, na Grécia, a linha tênue entre o espaço público e o privado, no que tange à *ágora*, foi claramente definida, o que não aconteceu em Roma.

Verificamos que um grande incêndio varreu o lado norte do *forum*, em 210 a.C. O acontecimento produziu uma série de transformações nas configurações espaciais do local. A aristocracia, por exemplo, procurou habitar as colinas vizinhas ao *forum romanum*, como no caso do Palatino,<sup>8</sup> para assim manter uma proximidade com o centro de poder. No *forum*, as poucas casas que restaram foram, gradualmente, sendo substituídas por *basílicas*, patrocinadas pelos censores e cônsules, por exemplo. As *basílicas*, no período republicano, funcionavam como extensões cobertas do *forum* e traziam consigo os nomes daqueles que as financiavam. A *Basílica Pórcia* (184 a.C.) é apontada como a primeira de uma série de *basílicas* construídas em Roma, de um tipo relativamente amplo, em plano aberto e por meio de colunas. Pouco tempo depois, as *Basílicas Emília* (também chamada de *Fúlvia*) e *Semprônia* também foram erguidas, de acordo com Katherine Welch (2006, p. 499). Outra prática que notamos é a construção, no *forum* romano, de estátuas de magistrados consulares e gerais vitoriosos em batalhas, como indicado pelo escritor romano Tito Lívio.<sup>9</sup> Através das estátuas e construções presentes no *forum*, verificamos as relações de poder dos aristocratas romanos, que almejavam consolidar seus atos políticos de forma visível a seus concidadãos. Assim, o *forum* é o local de materialização e expressão da ação política, pois nele ficam explícitos os jogos de poder entre os patrícios e seus aliados.<sup>10</sup>

O *forum* também se torna um Lugar Identitário na medida em que assume uma característica de formação do cidadão,<sup>11</sup> de elaboração e de consolidação de identidades culturais, como podemos conjecturar a partir da obra de Marco Túlio Cícero.<sup>12</sup> Para o pensador romano, era no *forum* que se poderia observar os feitos dos grandes homens de Roma e, dessa maneira, preservar os elementos que integravam o

<sup>8</sup> Confrontar informação em Dionísio de Halicarnasso, *Antig. Romanas*, I, 79,11.

<sup>9</sup> Ver mais informações em Tito Lívio, *História de Roma*, VIII, 13.9.

<sup>10</sup> Vide a documentação de Marco Túlio Cícero, *Contra Verres*, 2, 1.58. Na historiografia indicamos Norbert Rouland em *Roma democracia impossível? Os agentes do poder na urbe romana* (1997, p. 461) e os estudos de C. R. Whitaker, no texto *Imperialism and culture: the Roman initiative* (1997, p.146).

<sup>11</sup> Sobre tal conceituação confrontar informações de Marc Augé, em *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade* (2007, p. 52).

<sup>12</sup> Ver Marco Túlio Cícero, *de Finibus Bonorum et Malorum*, V, 2.

*mos maiorum*.<sup>13</sup> Logo, o *forum* agia no processo de reconhecimento de grupos, identificando-os pela maneira de viver, de vestir, de discursar, de cultuar os deuses e de realizar os rituais. Como Marc Augé (2007, p. 51-7) explicitou, a existência do “eu-individual” só é realizada mediante o contato com o outro. Desse modo, compreendemos o *forum* como o lugar antropológico do exercício das atividades que constroem o ser cidadão romano do segmento aristocrático.

Mediante os ensinamentos de homens mais adultos e experientes no cenário político romano, o jovem aristocrata deveria aprender a se tornar um “bom cidadão” (*vir bonus*), como destacado por Claudia Beltrão da Rosa.<sup>14</sup> Por isso, o *forum* era o lugar de ensinamento político e social, transformando-se no *locus* da construção da masculinidade e formando o corpo e a voz dos futuros cidadãos para o combate físico e o uso da oratória. Quanto às mulheres, o que percebemos é sua marginalização nesse lugar de preparação masculina para ações político-sociais. Logo, verificamos o uso das construções públicas e privadas em Roma como mecanismos para a manutenção da tradição, a diferenciação dos gêneros masculino e feminino, assim como a distinção social entre aristocratas e plebeus. Contudo, interessa-nos problematizar o espaço do *forum* como o lugar identitário no qual os rituais de passagem dos jovens aristocratas,<sup>15</sup> como o *tirocinium fori*, eram praticados para garantir a adesão ao grupo.

Em primeiro lugar, contudo, duas indagações emergem: Quais eram as faixas etárias em Roma? Em qual período os romanos efetuavam seu ritual de passagem para o acesso à cidadania no *forum*? Para Jean-Nöel Robert (1999, p. 150), na sociedade romana havia um nítido fracionamento dos estágios pelos quais um cidadão da aristocracia passava ao longo de sua vida. Robert e Beryl Rawson (2003, p. 136-41) convergem ao indicar que as etapas distinguem-se por meio de aspectos que se relacionam com a infância, a juventude, a meia-idade e a idade avançada. Rawson

---

<sup>13</sup> O *mos maiorum* pode ser compreendido como o conjunto de costumes e valores tradicionais, passados pelos ancestrais, que devem ser preservados para a manutenção da estabilidade social e identificação do ser romano (BUSTAMANTE, 2006, p. 112).

<sup>14</sup> Mediante leituras realizadas sobre o tema, verificamos que a pesquisadora Claudia Beltrão da Rosa foi a primeira historiadora brasileira a abordar o ritual do *tirocinium fori*, com ênfase nas diferenciações de gênero quanto ao uso do espaço e a formação do orador. Vide: *Tirocinium fori: O orador e a criação de “homens” no forum Romanum* (ROSA, 2007, p. 53-4).

<sup>15</sup> Para Arnold Van Gennep (2008, p. 25), o *rito de passagem* consiste em sequências cerimoniais que acompanham a passagem de uma situação a outra.

destaca que há uma flexibilidade na observação dos estágios etários.<sup>16</sup> Assim, as idades expostas nos textos clássicos poderiam sofrer modificações, dependendo de interesses familiares.

Para Robert e Rawson, a *infantia* corresponderia a uma pequena infância, que se dava do nascimento até os sete anos de idade. Na obra de Marcos Terêncio Varrão (*Da Lingua Latina*, VI. 52), verificamos que a etimologia latina da palavra *in-fans* correspondia à fase em que aqueles romanos não possuíam a capacidade de falar. A partir dos sete anos, o jovem adentrava a *pueritia*, que se estendia até os quatorze ou dezessete anos aproximadamente, quando seria efetuado o ritual do *tirocinium fori*, para lhe ser fornecida a maioridade publicamente, com a vestimenta da *toga virilis*. Ao *puer* cabia a formação básica, como aprendizagem da leitura e da escrita, e o começo dos preparos físicos, assim como da oratória. Após o ritual do *tirocinium fori* (entre os 14 e 17 anos), um novo estágio iniciava-se para o agora cidadão, a *adulescentia* romana, que se estendia até os vinte e sete anos. Para Rawson, esse estágio é vital não somente para o aprendizado da retórica e da oratória, mas também para execução dos *discursos* pelos rapazes que integravam a aristocracia romana. Logo, um cidadão ativo necessitava expressar-se e portar-se de forma marcante na vida pública, pois lhe caberia, no futuro, a ocupação, no *cursus honorum*, das altas magistraturas, culminando com a obtenção do acesso ao Senado.

Para Jean Noel-Robert (1999, p. 150), ainda podemos observar outro estágio intermediário, que se situava entre os vinte e sete e os quarenta e cinco anos. O mesmo era denominado de *juventus* e representava a fase de maturidade da ação do cidadão em progressão no *cursus honorum*. Entre os quarenta e cinco e os sessenta anos, dava-se a fase da *aetas senioris*, uma fase expressiva para o cidadão aristocrático, pela possibilidade de acesso ao Senado. Um romano da aristocracia, ao chegar aos sessenta

---

<sup>16</sup> Para Rawson (2003, p. 136), o número 7 tinha conotações mágicas ou supersticiosas, e muitos sistemas de divisão do ciclo de vida basearam-se neste número. Haveria outros sistemas, tais como o de Varrão, com base no número 5, que calculava cinco estágios de quinze anos cada um: *puer* para 15, *adulescens* a 30, *iuuenis* a 45, *sênior* 60, *senex* para depois. Horácio (*Arte poética*, 156-78) apresentou quatro etapas do período de vida: infância, juventude, idade adulta e velho. Tais sistemas foram baseados em simbolismo numérico em vez de em uma teoria bem pensada de psicologia e desenvolvimento. Dessa maneira, reiteramos que houve uma considerável flexibilidade na observação das distinções de idade, e foi apenas no final da Antiguidade que as fases do ciclo de vida foram firmemente estabelecidas, tal como o fim da infância. Nota-se que cada romano, de acordo com seu crescimento, talentos, desejos e com os recursos de seus pais, poderia migrar de um estágio ao outro, dentro de um período comum ou diferenciado.

anos, poderia integrar o *senectus*, libertando-se de suas obrigações civis por já ter contribuído para o ordenamento da *res publica*.

Dentre os estágios indicados, interessa-nos frisar que nosso recorte reside na passagem da *pueritia* para a *adulescentia* romana, por meio do ritual do *tirocinium fori*. Dialogando com Cornélio Tácito (*Diálogos*, 34), podemos destacar que, etimologicamente, a expressão *tirocinium fori* pode ser entendida como “recrutamento para o *forum*.” Era o momento de formação dos novos cidadãos romanos, aristocráticos, que iriam exercer suas funções políticas e sociais. O ritual tinha seu início no festival da *Liberalia*, em 17 de março, no começo da primavera. Este festival ocorria em honra aos deuses *Liber Pater* e *Libera*, divindades itálicas que liberavam as sementes nesta estação do ano. Devido à conotação da fertilidade e da jovialidade – que era atribuída aos deuses mencionados –, o ritual do *tirocinium fori* passou a ser executado em consonância com tais deuses, assim expressando o período de virilidade que o jovem aristocrata romano estava iniciando.

A primeira fase do *tirocinium fori* ocorria no âmbito doméstico. Durante a *Liberalia*, os *pueri* aristocratas que apresentavam a primeira barba iniciavam o processo de raspagem da mesma, assim como o corte dos cabelos que formavam suas marcas corpóreas etárias. O resíduo de seus pelos era armazenado em um compartimento<sup>17</sup> e ofertado aos deuses Lares.<sup>18</sup> Após esta ação, os jovens recolhiam sua *toga praetexta* e a *bulla*,<sup>19</sup> insígnias dos *pueri* romanos da aristocracia, e também as ofertavam aos mesmos deuses. Quanto à *bulla*, verificamos que tal amuleto romano era confeccionado de ouro ou prata, e os filhos da aristocracia romana portavam-no pendurado ao pescoço, até realizarem o ritual do *tirocinium fori*. A *bulla* era um símbolo apotropaico, ou seja, um instrumento de proteção contra os “maus espíritos.” Por último, os novos *adulescentis* deveriam efetuar um sacrifício aos deuses *manes* de sua família.<sup>20</sup>

<sup>17</sup> Como podemos conjecturar a partir da historiografia (ROBERT, 1999, p.151; THUILLIER, 2012, p.104-5).

<sup>18</sup> Segundo Pierre Grimal (2006, p. 269), essas divindades romanas (provavelmente de matriz etrusca) seriam as responsáveis por cuidar das encruzilhadas e das casas. Suas representações eram em forma de gêmeos adolescentes, os quais carregariam em suas mãos um corno de abundância. Eles seriam filhos da ninfa Lara com Mercúrio.

<sup>19</sup> Vale ressaltar que a *toga praetexta* era uma vestimenta que detinha diversos significados de cunho religioso e político em Roma (FLOWER, 1896, p. 317-9)

<sup>20</sup> Os *manes* são os ancestrais de uma *gens* (família) romana, que eram vistos como deuses benfeitores e protetores (GRIMAL, 2000, p. 290).



**Figura1:** Ilustração de uma criança da aristocracia romana, portando a *toga praetexta* e a *bullae* por cima de sua vestimenta



**Fonte:** VOUT, 1996, p. 204.<sup>21</sup>

Após este ato, os *adulescentis* eram conduzidos publicamente por seus pais ou tutores ao *forum romanum*, trajando pela primeira vez a *toga virilis*. A partir da obra de Alice Christ (1997) e Caroline Vout (1996), notamos que o jovem, ao assumir a *toga virilis*, caracterizava-se como um homem e cidadão ativo (*vir*) em Roma, e competia-lhe o aprendizado para o exercício dos direitos e deveres oriundos de sua cidadania. Nessa perspectiva, o jovem se encontrava iniciando sua maturidade política e sexual, pois a *virilitas* designava tanto a idade do homem quanto sua condição de plenitude sexual (THUILLIER, 2012, p. 71-214). Não é de se estranhar que, na própria execução do ritual do *tirocinium fori*, havia a inspeção dos órgãos genitais dos rapazes. Por uma sequência de toques, era verificado se o sujeito teria condições de cumprir suas funções masculinas, o que incluía a própria possibilidade de gerar futuros cidadãos de Roma. A atitude demonstrava a vinculação entre a política, o corpo masculino, o vestuário

<sup>21</sup> É interessante ver a análise de Caroline Vout (1996, p. 204-22), em *The Myth of the Toga*.

específico e o espaço que o *adulescens* passaria a integrar na sociedade (GLEASON, 1995, p. 121-2; RICHLIN, 1993, p. 545-7). Desse modo, ao vestir a *toga virilis*, seu portador indicava, diante do corpo de cidadãos, que estava sexual e politicamente capaz de vivenciar as demandas da *Urbs*. Sua inserção na vida pública consumava-se com seu registro como cidadão na tribo à qual sua família pertencia.<sup>22</sup> Finalizava-se o processo ritualístico com uma ida ao Monte Capitolino para cultuar os deuses pátrios. Logo, o ritual representava uma construção política normativa, para a qual a maturidade sexual masculina era um dos requisitos básicos.<sup>23</sup>

Um breve estudo de caso pode ser feito sobre a polêmica figura do *princeps* romano Caio Otávio,<sup>24</sup> para materializarmos suas relações com o *forum* e o ritual do *tirocinium fori*. Suetônio (*Vida do Divino Augusto*, VIII) argumenta que Caio Otávio tomou a palavra pela primeira vez no *forum* aos doze anos. Nessa ocasião, o *puer* realizou, antes do sepultamento de sua avó materna Júlia (irmã de Júlio César), a *laudatio funebris*. Esse ritual consistia na reprodução de elogios aos antepassados do morto como ponto essencial para o início do *discurso*, tal como já acontecia no *encomium* grego.<sup>25</sup> A segunda parte era a descrição pública, por um orador, das *res gestae* do defunto, como teria Otávio feito à sua avó. Nicolau de Damasco menciona que o discurso proferido por Caio não foi objeto de pouca admiração por parte dos demais cidadãos romanos que se encontravam presentes no funeral. Para o biógrafo, tal

---

<sup>22</sup> A inscrição dava-se pelo *pater familias*, que através da menção de sua *origo* (origem) registrava seu filho como cidadão na *tribus* (tribo), legitimando-o, após o *tirocinium fori*, como cidadão. A identificação da tribo encontra-se inserida depois da filiação de quem está sendo homenageado nas epígrafes, e de forma abreviada, como, por exemplo, Gal(eria). O registro é fundamental pois é ele que confere a cidadania e possibilita ao cidadão concorrer à magistratura e participar das eleições das assembleias. Somente após se inscrever na nova tribo é que o sujeito passava a ter acesso aos benefícios da localidade. Uma prática incomum no período de I a.C. a II d.C. era o registro de mulheres nas tribos romanas, mas isso não significa que não possa ter havido exceções (CAMPOS, 2014, p. 144).

<sup>23</sup> Como expôs Nicolau de Damasco, esse acontecimento significava o tornar-se homem em Roma. Ver *Vida de Augusto*, FGrH 90 F. 127.4.

<sup>24</sup> Segundo Olivier Hekster (2006, p. 108), o termo *princeps*, conferido a Augusto, ganha uma conotação de “primeiro” entre os cidadãos. Tal termo foi *ressignificado* para dar conta do novo contexto político vivenciado por Roma no século I a.C. Afinal, não podemos deixar de mencionar que o termo *princeps senatus* (o primeiro entre os senadores, com o privilégio de abrir os debates no Senado) já era usual na instituição senatorial ao longo do período republicano.

<sup>25</sup> Verificamos que o *encomium* objetivava descrever a vida dos sujeitos, com a intenção de *euforizar* o herói e expor suas qualidades morais, assim formulando modelos para os concidadãos (BRANDÃO, 2009, p. 17).

habilidade era uma excelência da sua natureza e postura, o que levou aos demais homens a aplaudirem, como gesto de valorização da ação.<sup>26</sup>

Mediante análise de Maria Helena da Rocha Pereira, é possível observarmos a oratória e a retórica como gêneros associados à capacidade de um homem de exprimir-se perante os outros e, com essa habilidade discursiva, fazer-se um político valoroso para Roma (2009, p. 150-3). Dessa maneira, o discurso de Suetônio e Nicolau euforizam Otávio como um *vir bonus* por excelência, por deter, desde sua *infantia*, as habilidades de falar, argumentar e persuadir os demais em público, algo que podemos considerar como integrante de sua *humanitas*.<sup>27</sup>

Sobre a apresentação no *forum*, para o início da fase *adulescens*, foi perceptível a divergência da documentação literária quanto à idade de Caio Otávio.<sup>28</sup> O biógrafo Nicolau de Damasco, contemporâneo de seu biografado, indica que o *princeps* romano foi apresentado no *forum* com quatorze anos.<sup>29</sup> Já segundo os escritos de Suetônio, no século II d.C., a idade em que Caio Otávio haveria tomado a *toga virilis* seria de dezesseis anos. Como Beryl Rawson (2003) indica no livro *Children and Childhood in Roman Italy*, em Roma, as datas para o *tirocinium fori* eram flexíveis e não há como delimitarmos com total precisão a idade com que Caio Otávio haveria passado por este ritual. Todavia, se tomarmos a indicação de Nicolau, notamos que Otávio detinha precocemente as habilidades oratórias, algo quase inerente à sua própria trajetória futura como *princeps*.

Marco Túlio Cícero deixa transparecer que poderia haver, no *forum*, uma escolha entre os futuros tutores quanto aos jovens que iriam preparar. Tal eleição poderia envolver tanto suas habilidades discursivas, como a beleza física que se destacava no ritual durante sua exposição (*Pro Celio*, 6-9). A partir dos escritos de Jean-Paul Thuillier (2012), evidenciamos que o belo homem, em Roma, não era aquele detentor de expressões efeminadas. Para o autor, os traços másculos, o preparo físico e a postura para se expressar eram elementos que integravam a concepção de beleza e de virilidade

---

<sup>26</sup> Ver Nicolau de Damasco, *Vida de Augusto*, FGrH 90 F. 127.3.

<sup>27</sup> Para Maria Helena da Rocha Pereira (2009, p. 150-3; 427-29), a *humanitas* pode ser pensada como uma qualidade mista de saber, polimento, receptividade, simpatia e expressividade inerentes aos homens, para o convívio no meio social e exercício da atividade política em Roma.

<sup>28</sup> Apresentação pública, no *fórum*, de um jovem do segmento aristocrático, após ter recebido e vestido sua *toga virilis*. A partir de então, por um período de aproximadamente um ano, a educação do jovem é acompanhada por um tutor, geralmente políticos famosos, oradores e legisladores (EDER, 2014).

<sup>29</sup> Nicolau de Damasco, *Vida de Augusto*, FGrH 90 F. 127.4.

masculina, as quais eram inerentes ao *adulescens* da aristocracia romana. Tais atributos denotavam também que o jovem estava apto para as investidas no campo da guerra. Marco Túlio Cícero (*Dos Deveres*, I, 36, 130) relaciona a beleza com a *dignitas* de um aristocrata romano: “[...] a dignidade do aspecto físico deve ser salvaguardada pela qualidade da cor e esta cor pelos exercícios do corpo [...]”. Logo, pelo preparo físico do corpo e pela coloração da pele refletindo a exposição ao sol em atividades atléticas, os *virii romani* eram construídos como modelos de beleza, em detrimento do que era considerado como não masculino. O efeminado era aquele sujeito de coloração alva, corpo delicado e incapaz para a atividade militar, com a voz fina e sem postura para o exercício da oratória. Nicolau de Damasco deixa transparecer que Otávio era um modelo de beleza masculina entre os romanos da época por deter todos os elementos acima mencionados, como inerentes ao *vir bonus*. Para o autor, Otávio, ao adentrar o *forum*, atraiu os olhares de todos os cidadãos adultos “[...] por causa de sua beleza e postura evidentes de sua nobreza[...]” (Damasco, *Vida de Augusto*, FGrH 90 F. 127.4). Vale ressaltar a clara omissão das fragilidades de saúde, que poderiam afetar seu corpo e que se fazem presentes no *discurso* de Suetônio.<sup>30</sup>

Outro ponto a ser levantado sobre a inserção na vida pública de Roma reside na relação que se desenvolvia após o *tirocinium fori*. O ritual proporcionava a formação de redes sociais que eram úteis à vida política romana.<sup>31</sup> Afinal, mediante análises da obra de M. Túlio Cícero, *Pro Celio*, notamos que o *tirocinium fori* era essencial para o cidadão romano, pois nesse período ocorria o estabelecimento de alianças políticas, por meio da seleção para o treinamento do exercício político dos jovens no *forum* (*Pro Celio*, 6-15). Para Claudia Beltrão da Rosa (2007, p. 56), tal processo de aprendizagem para a vida adulta masculina, mesmo que nos escapem os detalhes, estabeleciam nitidamente fortes laços hierárquicos e sociais entre *seniores* e *iuniores*.

Sendo assim, a partir da inserção na vida pública pelo *tirocinium fori*, os jovens aristocratas romanos, como Caio Otávio, passavam a tomar assento no *forum*, primeiramente observando, para aprender, o funcionamento da magistratura da *Urbs*.

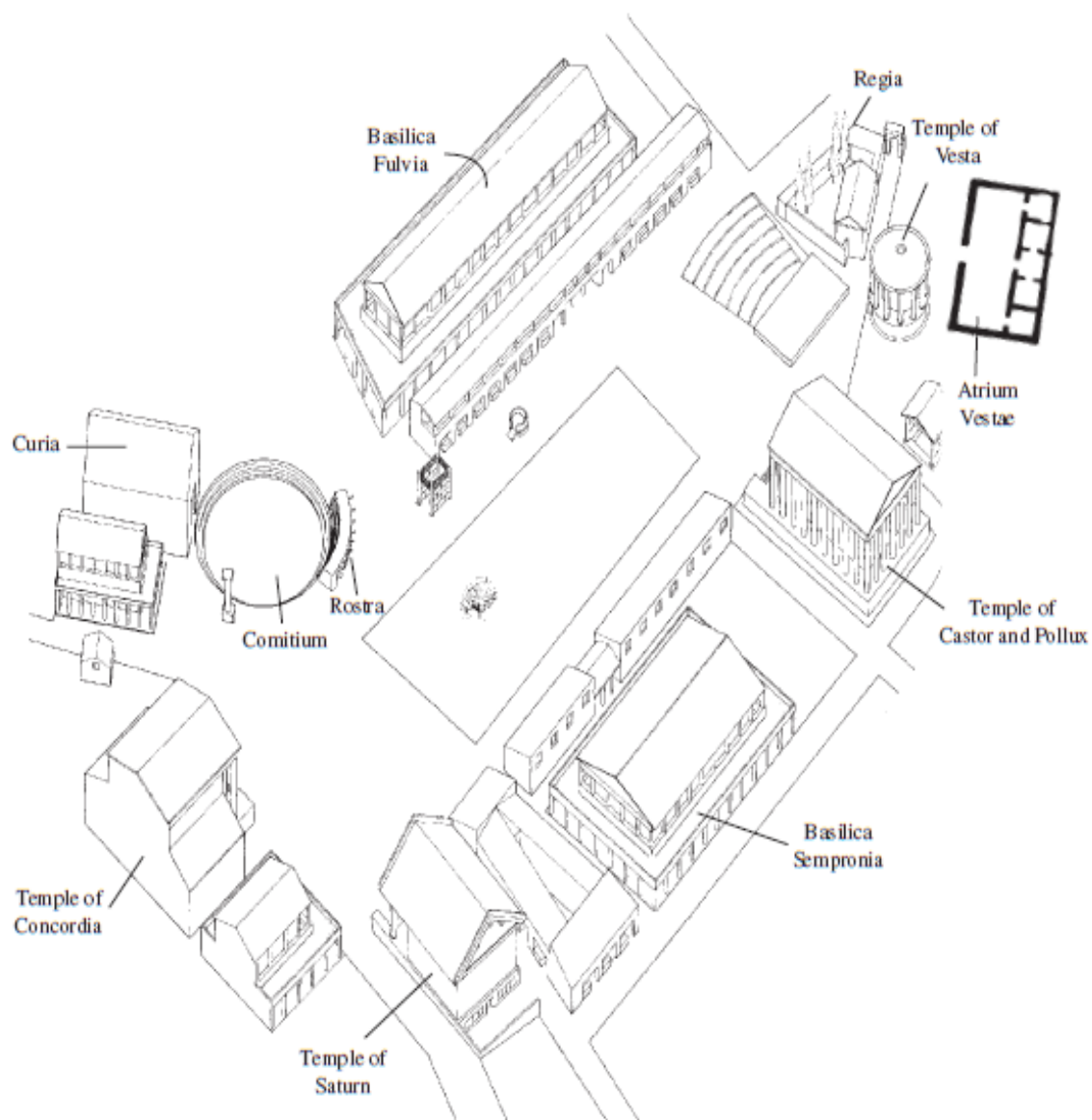
---

<sup>30</sup> Como evidência, destacamos: “[...] Foi vitimado por um número significativo de males graves e perigosos ao longo de toda a sua vida[...]” (Suetônio, *Vida do Divino Augusto*, LXXXI).

<sup>31</sup> A análise de *redes sociais* (*social network analyses*) mostrou que é possível deprendermos modos de ação, frequentemente disjuntos (ou parcialmente disjuntos), pelos quais os agentes devem se orientar. Tal abordagem também permite ao pesquisador apreciar sistematicamente o volume, a densidade e a estruturação do espaço social em que um sujeito encontra-se inserido (REVEL, 2010, p. 238).

Frequentando o *forum*, Otávio e os outros jovens tinham a oportunidade de ouvir todos os discursos proferidos nos tribunais ou nos comícios; podiam escutar os argumentos e debates, e assim aprendiam como se expressar corretamente (Tácito, *Diálogos*, 34, 1-2). No mesmo período, Otávio iniciou uma busca pela ampliação de seu conhecimento sobre as práticas religiosas romanas através da recorrente ida aos templos dos deuses pátrios, assim como da participação nos sacrifícios aos deuses e dos principais festivais religiosos latinos (Damasco, *Vida de Augusto*, FGrH 90 F. 127.5). Dessa maneira, a documentação deixa transparecer que Otávio procurava ratificar o seu *status* de *vir bonus*, mediante elementos basilares da sociedade romana, como a observância escrupulosa das práticas religiosas, bem como a sua atuação política no *forum*.

Em suma, as produções arquitetônicas e os arranjos espaciais podem ser problematizados como elementos que reforçam hierarquias, acentuam a produção de diferenças de *status* social e de gênero, como também elaboram identidades de grupos. Pensar o *forum* como um lugar antropológico torna-se interessante para o historiador na medida em que nos possibilita estudar os rituais, os festivais e as demais ações políticas em um espaço demarcado na *Vrbs*. Cabe ressaltar que os romanos que circularam pelo *forum*, nele vivenciaram um lugar histórico, produzindo marcas de suas ações no espaço e no tempo, das quais até hoje, ao nos dirigirmos a este sítio arqueológico em Roma, é possível encontrar indícios. Ao analisarmos a passagem de Caio Otávio pelo ritual do *tirocinium fori*, fica perceptível um jogo de discursos e representações que transparecem que a trajetória do futuro *optimus princeps* de Roma já era percurso inerente à sua "natureza." Devido a suas habilidades pessoais, Otávio destacava-se em meio ao *forum* desde a juventude, possibilitando-nos compreendê-lo como um modelo de *vir bonus*.

**Plano 1: Fórum Romano no século II a.C.**<sup>32</sup>

Fonte: DUMSER, 2013, p. 131.

<sup>32</sup> Confrontar informação em Elisha Ann Dumser (2013, p. 131-150), na obra *The urban topography of Rome*.

## Referências

### Documentação primária impressa

- CORNÉLIO TÁCITO. *Agrícola. Germania. Dialogo sobre los oradores*. Translated by J. M. Requejo. Madrid: Gredos, 1981.
- DÍO CASSIO. *Roman History*. London: Loeb Classical Library, 1955.
- DIONISIO DE HALICARNASSO. *Roman Antiquities*. Translated by Earnest Cary. Cambridge: Harvard University Press. 1937. v. I(I-II).
- LIVY. *Ab Urbe Condita Libri*. Translated by B. O. Foster. Nova York: William Heinemann, 1924. v. IV, books VIII-X.
- M. TULLIUS CICERO. Against Verres. In: *The Orations of Marcus Tullius Cicero*. Translated by C. D. Yonge. London: George Bell & Sons, 1903.
- M. TULLI CICERONIS. *Scripta quae manserunt omnia, fasc. 43. De Finibus Bonorum et Malorum*. Translated by Schiche. Leipzig: Teubner, 1915.
- NICOLAU DE DAMASCO. *Nicolaus of Damascus' life of Augustus: a historical commentary embodying a translation*. Translated by Clayton Morris Hall. Massachusetts: Kessinger Legacy Reprints, 1923.
- NICOLAU DE DAMASCO. *Life of Augustus*. Translated by Clayton Morris Hall, 1923. Disponível em: <<http://www.attalus.org/translate/nicolaus1.html>>. Acesso em: 20 de julho de 2014.
- SUETÔNIO. *Vita Diui Augusti*. Tradução de Matheus Trevizam, Paulo S. Vasconcelos, Antônio M. de Rezende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- VARRÃO. *De Lingua Latina*. London: Loeb Classical Library, 1970. v. V-VII.
- VITRUVIUS. *The ten books on architecture*. Translated by Morris Hicky Morgan. Cambridge: Harvard University Press, 1914.

### Obras de apoio

- AMMERMAN, A. J. Looking at Early Rome with fresh eyes: transforming the landscape. In: EVANS, J. D.R. (Ed.). *A Companion to the Archaeology of the Roman Republic*. Oxford: Blackwell Publishing, 2013, p. 169-80.

- AUGÉ, M. *Não-lugares*. introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papyrus. 2007.
- BEARD, M. The sexual status of Vestal Virgins. *Journal of Roman Studies*, n. 70, p.12-27, 1980.
- BRANDÃO, J. L. L. *Suetônio e os Césares*: teatro e moralidade. Coimbra: CECH, 2009.
- BUSTAMANTE, R. M. C. Práticas culturais no Império Romano: entre unidade e a diversidade. In: SILVA, G. V.; MENDES, N. M. (Org.) *Repensando o Império Romano*: perspectiva socioeconômica, política e cultural. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 109-136.
- BUTLER, J. *Gender trouble*: feminism and subversion of identity. New York: Routledge, 1990.
- CAMPOS, C. E. C. *A estrutura de atitudes e referências do imperialismo romano em Sagunto (II a.C – I d.C.)*. Rio de Janeiro: UERJ/NEA, 2014.
- CHRIST, A. The masculine ideal of "the Race That Wears the Toga". *Art Journal. How Men Look: On the Masculine Ideal and the Body Beautiful*, v. 56, n. 2, p. 24-30, 1997.
- CORBEILL, A. *Political humor in the Late Roman Republic*. Roman defining themselves. Berkeley: Berkeley University Press, 1990.
- DUMSER, E. A. The urban topography of Rome. In: ERDKAMP, P. (Ed.). *The Cambridge Companion to Ancient Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p. 131-150.
- EDER, W. *Tirocinium fori*. In: CANCIK, H.; SCHNEIDER, H. *Brill Online*, 2014. Disponível em: <<http://referenceworks.brillonline.com/entries/brill-s-new-pauly/tirocinium-fori-e1215700>>. Acesso em: 28 de julho de 2014.
- EDMONDSON, J. Cities and urban life in the Western provinces of the Roman Empire 30 BCE–250 CE. In: POTTER, D. S. (Ed.). *A companion to the Roman Empire*. Oxford: Blackwell, 2006, p. 250-80.
- FAVRO, D. The Roman Forum and Roman memory. *Places*, n. 5, vol. 1, p. 17-24, 1988.
- FOWLER, W. On the Toga Praetexta of Roman children. *The Classical Review*, v. 10, n. 7, p. 317-9, 1896.
- GLEASON, M. W. *Making Men*: sophists and self-presentation in Ancient Rome. Princeton: Princeton University Press, 1995.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1979.



- GRIMAL, P. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- GRIMAL, P. *As cidades romanas*. Lisboa: Edições 70, 2003.
- HALL, S. A centralidade da cultura; notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 22, p. 15-46, jul.-dez. 1997.
- HEKSTER, O. The Roman Empire. In: BISPHAM, E.; HARRISON, T.; SPARKES, B. (Ed.). *The Edinburgh Companion to Ancient Greece and Rome*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006, p. 108-113.
- KUEFLER, M. *The manly eunuch: masculinity, gender ambiguity, and Christian ideology in Late Antiquity*. Chicago: Chicago University Press, 2001.
- PEREIRA, M. H. R. *Estudos de História da Cultura Clássica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009. v. II.
- RAWSON, B. *Children and childhood in Roman Italy*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- REVEL, J. *História e Historiografia: exercícios críticos*. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.
- RICHLIN, A. Not before homosexuality: the materiality of the Cinaedus and the Roman Law against love between men. *Journal of the History of Sexuality*, 3.4, p. 523-73, 1993.
- RICHLIN, A. Roman oratory, pornography and the silencing of Anita Hill. *Southern California Law Review*, 65, p. 1321-32, 1996.
- ROBERT, J-N. *Rome*. Paris: Les Belles Lettres, 1999.
- RONCAYOLO, M. Cidade. In: ROMANO, R.; GIL, F. (Dir.). *Enciclopédia Einaudi - Região*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1986, p. 396-487. v. 8.
- ROSA, C. B. *Tirocinium fori*: o orador e a criação de "homens" no *forum romanum*. Phoênix, Rio de Janeiro, n. 13, p. 52-66, 2007.
- SPAIN, D. *Gendered spaces*. North Carolina: University North Carolina Press, 1992.
- TAYLOR, D. *Roman society*. London: Bristol Classical Press, 1997.
- THUILLIER, J-P. Virilidades romanas: *vir, virilitas, virtus*. In: VIGARELLO, G. *História da Virilidade: A invenção da virilidade da Antiguidade às Luzes*. Rio de Janeiro: Vozes, 2012, p. 71-124. v. 1.
- VAN GENNEP, A. *Los Ritos de paso*. Madrid: Alianza, 2008.
- VEESER, H. A. *The New Historicism*. Berkeley: Berkeley University Press, 1989.

- VERBOVEN, K. The associative order: status and ethos among Roman businessmen in Late Republic and Early Empire. *Athenaeum: Studi Periodici di Letteratura e Storia dell'Antichità*, n. 95, p. 861-93, 2007.
- VOUT, C. The myth of the toga: understanding the history of Roman dress. *Greece & Rome*, Second Series, v. 43, n. 2, p. 204-22, 1996.
- WELCH, K. E. Art and architecture in the Roman Republic. In: ROSENSTEIN, N.; MORSTEIN-MARX, R. (Ed.) *A Companion to the Roman Republic*. Oxford: Blackwell Publishing, 2006, p. 496-542.
- WHITTAKER, C. R. Imperialism and culture: the Roman initiative. *Journal of Roman Archaeology*, n. 23, p. 145-8, 1997.
- WILSON, R. J. A. Roman art and architecture. In: BOARDMAN, J.; GRIFFIN, J.; MURRAY, O. (Ed.). *The Oxford History of Classical World*. New York: Oxford University Press, 1995, p. 771-806.